

A experiência invivível: incesto e alteridade

Renata Viola Vives¹

Resumo: Alteridade, conforme o dicionário, é a natureza ou a condição do que é o outro, do que é distinto. O homem como um ser social tem uma relação de interação e dependência com o outro. Assim, o “eu” na sua forma individual só pode existir através do contato com o “outro”. A alteridade não se perde ou deixa de se fazer presente nos casos de violência, repúdio, intolerância e preconceito. Portanto, como podemos pensar a alteridade no contexto das cenas reais de sedução sexual? Na cena do incesto? Nas cenas de impacto patógeno, que não se referem a desejos incestuosos, mas a incestos consumados? Diferentemente da fantasia de sedução e dos desejos incestuosos do Édipo, o incesto em si rompe, invade, condena. Enquanto a proibição do incesto sustenta uma função lógica sem a qual tudo se confundiria, ele borra os limites da família e introduz confusão, assim como a ideia de banalidade dos atos e das repetições. Através de uma vinheta clínica, pretendemos discutir esses e outros aspectos do que pode se tornar uma experiência “invivível”.

Palavras-chave: Alteridade. Édipo. Incesto.

Alteridade é o caráter ou o estado do que é diferente, que é outro; que se opõe à identidade. É uma circunstância, condição ou característica que se desenvolve por relações de diferença, de contraste.

A subjetividade não é inata. O sujeito só se estabelece na relação com o outro, na criação de um mundo simbólico desenvolvido ao longo de nossa história. A imagem de sujeito e de outro se criam concomitantemente, na mesma operação. Dessa forma, para se considerar um, temos que levar em conta o outro.

Alteridade e subjetividade são conceitos que caminham juntos.

¹ Psicóloga, Membro efetivo da SBPDEPA. Enlace COWAP.

Vinheta Clínica:

Os pais de Joana procuram atendimento. O pai parece inquieto; a mãe, mais falante, pergunta se ele quer esperar do lado de fora. Ele não responde nada e ela indica que ambos entrem na sala de atendimento. Paula, a mãe, relata que estão procurando psicoterapia para a filha, porque a menina tem 14 anos e é muito mentirosa. Conta que, há um ano, teria ocorrido um fato entre ela e o pai e que agora a menina voltara a falar sobre o episódio, relatando mais dados. A menina estaria vestindo-se na frente do pai e esse havia tocado seus seios, curioso com suas mudanças corporais. Durante o relato, o pai permanece quieto, olhar cabisbaixo, mas quando Paula fala do toque ele pula na cadeira e relata: “Foi só curiosidade”. A mãe o interrompe, dizendo que ele sente vergonha do que aconteceu e sabe que Joana mente muito. A mãe segue falando que isso não poderia ser considerado abuso, “até porque ela meio que deixou, ela queria ir embora de casa ou queria que eu mandasse ele embora, mas ela se arrependeu e pediu pra ele ficar”. Na sequência da entrevista, a mãe traz mais queixas da filha, do quanto é desorganizada, não vai bem no colégio, mente, não cuida dos irmãos menores.

Primeiro atendimento com Joana:

Joana chora muito, não consegue falar, tem um ar assustado, desconfiado. Depois de um prolongado silêncio traz algumas poucas frases, mas que, apesar de poucas, tem um peso mortífero, invadindo contratransferencialmente a terapeuta, com sensações de náusea e dores corporais.

“... aconteceram algumas coisas que eu não quero falar, não quero falar sobre meu pai... É que ele não só tocou no meu peito, ele chupou, eu disse que não, mas ele chupou, depois disso, foram algumas vezes, eu falei, não falei de todas, só que agora eu tava tomando banho e ele entrou no banheiro, ficou só de cueca e entrou no box, eu não consegui sair, eu lutei, mas não consegui. Ele começou a me tocar e dizer que era assim que ele fazia com a mãe. E aí ele perguntou se eu era virgem, que ele queria ver, mandou eu abrir as pernas, queria olhar minha vagina, daí foi ali que aconteceu, daí deu um barulho e ele saiu ligeiro do box. Eu contei pra mãe, mas ela acha que eu minto e ainda diz que eu ando pelada na frente dele, que eu provoço, que eu fico me exibindo. Ela disse que, se a gente denunciar, ele vai preso e aí matam ele e ele que paga tudo em casa, como a gente vai viver?”.

No percurso do desenvolvimento da sexualidade infantil da menina, até tornar-se mulher, existe a demanda de amor da filha ao pai como um pedido de afeto, que não pode ser confundido com sedução. A cultura exige ao pai que

regule seu desejo, não violando a lei do incesto e que possa auxiliar a menina em sua caminhada, percebendo e reconhecendo nela uma futura mulher.

É a partir dos *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1895/1990) que Freud vai apontando a importância da sexualidade na etiologia das neuroses, desde o caso clínico de Anna O. Porém, é em Katharina que surge enfaticamente a ideia da teoria da sedução, na qual uma criança padeceria passivamente frente a um adulto, sofrendo suas investidas sexuais, o que levaria a lembranças e recordações de cenas reais de sedução.

Nesse contexto, tínhamos os dois tempos da sexualidade, com uma primeira cena na infância e uma segunda cena, não necessariamente sexual, na puberdade, que por associação se ligaria à primeira, trazendo uma recordação a posteriori e que produziria um efeito traumático, com sintomas e sofrimento psíquico.

Como exemplo clássico, há o caso de Emma (Breuer & Freud, 1895/1990) e a situação do toque nos genitais, que levou, a posteriori, ao desenvolvimento de um sintoma fóbico, aos 12 anos.

É na carta 69 que Freud escreve: “Já não creio mais em minha neurótica” – na qual afirmava não acreditar mais que os sintomas histéricos fossem causados devido a um fato sexual, a uma sedução de uma criança por um adulto.

Com a descoberta da fantasia sexual infantil, essa passa a dominar os processos psíquicos e não mais a cena real da sedução do adulto.

Em 1905, no *Três ensaios para uma teoria sexual* (Freud, 1905/1990a), a sedução está presente como origem da sexualidade, porém, através dos cuidados maternos e, logo após, aparecendo como uma das fantasias originárias. Freud também apresenta a ideia da sexualidade infantil, simultaneamente a sua descoberta do Complexo de Édipo. Ainda em 1905, dedicará uma parte dos seus *Três ensaios* à barreira do incesto.

O incesto vai reaparecer em 1913, através de sua proibição, das definições mais claras do Complexo de Édipo e de Castração, complexos centrais e articuladores do acesso à subjetividade do sujeito.

Em 1931, Freud falará da sedução materna como universal, mas é Laplanche (1988) que irá destacar a ideia da sedução generalizada, colocando a mãe como agente de sedução originária, devido aos cuidados corporais que desempenha, bem como pelo contato direto com o corpo da criança, sedução essa necessária e estruturante e que remete aos significantes sexuais inconscientes que a mãe impõe ao filho e que serão constituintes da psicosexualidade e da fantasia.

Como podemos pensar a alteridade no contexto das cenas reais de sedução sexual, nas cenas de impacto patógeno, que não se referem a desejos incestuosos, mas a muitos incestos consumados?

Teoricamente, a família cria e institui três ordens de relação: a de consanguinidade, a de aliança e a de filiação, nas quais a alteridade estaria calcada também no reconhecimento da marca geracional, que estabelece diferentes papéis.

Contudo, quando a sexualidade do adulto invade o corpo da criança, provoca um verdadeiro excesso, que é traumático, e no qual o ato abusivo não libidinizava o corpo da criança. Diferentemente do que ocorre na sedução originária, esse excesso congela o corpo e desencadeia um processo compulsivo à repetição, carregado de pulsão de morte (Tesone, 2002).

Tesone (2004) afirma que a proibição do incesto sustenta uma função lógica sem a qual tudo se confundiria, borrando os limites de cada um, lembrando que a importância está na função e não no laço de sangue, que pode ou não existir, ou seja, toda a maternidade e toda a paternidade é, no fundo, adotiva, pois requer reconhecer o outro e reconhecer-se a si mesmo em uma cadeia de funções simbólicas transgeracionais. Assim, a função primordial da família é produzir alteridade, através da diferença de gerações, bem como da distinção entre os sexos.

Tesone (2004) também afirma que contrariamente ao Édipo, que articula o desejo e a lei, permitindo a emergência da alteridade, o incesto introduz confusão, assim como a ideia de banalidade dos atos e das repetições, bem como, muitas vezes, de um poder materno ou paterno e uma equidade.

Racamier (como citado em Tesone, 2004) afirma que o incesto não é Édipo, mas o seu contrário. Na patológica situação familiar incestuosa, ataca-se o triângulo edípico, com borramento dos vértices que designam as diferenças: pai, mãe, filho.

Lembremos que, na matemática, uma propriedade fantástica dos triângulos, que é a chamada rigidez triangular: um triângulo jamais se deforma, enquanto figuras de quatro ou mais lados não são rígidas. Outra propriedade métrica importante dos triângulos é que, qualquer que seja o triângulo a se considerar, a soma das medidas de seus ângulos internos é sempre a mesma: 180° . Os triângulos são figuras geométricas importantes porque geram as demais figuras. Um quadrilátero pode sempre ser decomposto em, no mínimo, dois triângulos. Um pentágono pode sempre ser decomposto em, no mínimo, três triângulos. E assim por diante, ou seja, o triângulo é a principal figura geométrica em sua solidez e a principal “figura” psíquica. Nesse contexto, a triangulação Edípica nada tem a ver com a relação incestuosa, figura geométrica deformada.

O ato incestuoso, negando a existência da falta, impede a criança de construir sua alteridade, sendo consequência da negação da alteridade. O ego deforma-se a serviço da sustentação de uma realidade cruel e invasiva, que parte do desejo onipotente de querer ocupar todos os lugares de uma só vez: ser pai, mãe, filho, filha ao mesmo tempo.

A família incestuosa não forma o triângulo, carece da alteridade, não existindo limites que os separem. Para Tesone (2004), são famílias que funcionam como se houvesse um só corpo e várias cabeças. As identidades se fusionam a ponto de haver uma fusão corporal.

Tesone (2008) menciona que precisamos falar de incestos, ao invés de incesto. Isso porque cada situação apresenta sua história própria, incestos que provocam horror e fascínio, repulsão e atração, e nos pergunta: Como pensar o impensável? Predomínio da pulsão de morte e do desligamento, o incesto vira algo da ordem do impensável, do irrepresentável, invivível.

Se causa horror a alguns, no pai incestuoso a proibição não tem representação. A menina seduzida pelo pai se funde no corpo paterno (Tesone, 2008), pois o não representável não se origina no recalçamento, não é efeito da castração, mas é expresso como falha do pensamento (Tesone, 2009), como no caso de Joana.

No caso clínico exposto, a adolescente, vítima de um pai que se considera acima da lei, apresentava uma sensação de que estava presa no corpo, precisando se arranhar e se machucar durante os banhos, descrevendo essa sensação de colapso intensa como uma sensação “claustrofóbica”, ou seja, uma sensação de estar presa, trancafiada no próprio corpo (corpo esse que não lhe pertencia, e sim ao agressor) e não conseguir sair.

Essa sensação nos faz pensar no terror sem nome vivido no próprio corpo, em que a única possibilidade de metabolizar o terror seria deixar de habitar o próprio corpo, pois, como bem sabemos, traumáticas são as experiências que fizeram fracassar os processos de ligação e, por isso, não puderam ser representadas (Tesone, 2009).

O corpo da menina que padece do incesto se converte em um corpo externo, como um desdobramento do ego. Esse corpo sente, mas não é sentido como próprio, necessitando de castigo e punição (Tesone, 2009).

Estar presa no próprio corpo e/ou sentir que esse corpo não lhe pertence, mas sim ao agressor, gera uma confusão entre dentro e fora, perpassada pela ambivalência de sentimentos e desejos em relação ao pai, bem como por um sentimento de não existência. Quando não existimos, não vivemos.

Considerações Finais

Diferentemente da fantasia de sedução, o incesto transborda, borra, acaba com os limites, atacando a alteridade e a subjetividade do indivíduo. Ele leva ao inominável, ao invivível e a sensações claustrofóbicas, de aprisionamento no próprio corpo. Como seguir habitando um corpo do qual se quer fugir, que

traz a marca do agressor, da violência? Como colocar em palavras aquilo que não tem representação? Como existir nessa situação? Joana sobrevive, não vive. Sobreadaptada, empurra sua vida para frente, tentando dar sentido ao que não faz sentido, sendo a análise a única possibilidade de continência das angústias catastróficas, para o futuro estabelecimento de um sujeito.

The invisible experience: incest and otherness

Abstract: Otherness, according to the dictionary, is the nature or condition of what is other, what is distinct. The man as a social being has a relationship of interaction and dependence with the other. Thus, the “self” in your individual form can only exist through contact with the “other”. However, otherness isn’t presente or lost itself in cases of violence, repudiation, intolerance and prejudice. And how can we think of otherness in the context of the actual scenes of sexual seduction? At the incest scene? In scenes of pathogenic impact, which do not refer to incestuous desires, but to consummate incest? Unlike Oedipus’s fantasy of seduction and incestuous desires, incest itself breaks, invades, condemns. While the prohibition of incest supports a logical function without which everything would be confused, incest blurs the boundaries of the family and introduces confusion, as well as the idea of banality of acts and repetitions. Through a clinical vignette we intend to discuss these and others aspects of what can become an “invivable” experience.

Keywords: Incest. Invivable. Oedipus. Otherness.

Referências

- Breuer, J., & Freud, S. (1990). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 15-297). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1990a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 6, pp. 76-150). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1990b). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 11-125). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Tesone, J. (2002). Conmemorar, rememorar, olvidar. *Revista de Psicoanálisis*. 59(02), 445-455.

Tesone, J. (2004). Los incestos y la negación de la alteridad. *Revista de Psicoanálisis*. 61(04), 857-878.

Tesone, J. (2008). Los incestos y la transgresión del tabú nazi. In *Los laberintos de la violencia*. Buenos Aires: Editorial Lugar y la Asociación Psicoanalítica Argentina.

Tesone, J. (2009). A fantasia e o simbólico na cura: do não representável ao simbolizável. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 27(2).

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 17/09/2019

Aceito em: 23/09/2019

Renata Viola Vives
Rua José Gomes, 393
91910-280 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: renatavives@gmail.com